

## **CONFIGURAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NO SETOR DE MODA**

Daniela Delgado\*

### **RESUMO**

O presente artigo traz uma abordagem sobre a quantidade dos cursos de Moda e de seus correlatos, estes entendidos como Vestuário, Têxtil e Calçados, que estão cada vez mais associados ao ensino profissionalizante, de nível Tecnológico, com base na legislação e nos dados catalogados pelo Ministério da Educação. Assim, busca respostas quanto aos motivos geradores do aumento da quantidade de cursos Tecnológicos e traz o panorama atual e questionamentos sobre as diretrizes do ensino de Moda no Brasil.

Palavras-chave: Educação de Moda. Cursos Tecnológicos. Graduação em Moda.

---

\* Mestrado em Comunicação pela Universidade Paulista, Brasil (2005)  
Professora Horista I do Centro Universitário Senac , Brasil  
dani.delgadomoda@gmail.com

## **SETTINGS ABOUT THE EDUCATION ON FASHION SECTOR**

Daniela Delgado\*

### **ABSTRACT**

This paper presents an approach on the amount of courses of fashion and its correlates, as they understood Clothing, Textiles and Footwear, which are increasingly associated with vocational education, technological level, based on legislation and cataloged by Ministry of Education. Thus, seeking answers about the reasons generating increasing the amount of courses Technology and brings the current situation and questions about the guidelines of teaching of Fashion in Brazil.

Key-words: Education of Fashion. Technology Courses. Degree in Fashion.

---

\* Mestrado em Comunicação pela Universidade Paulista, Brasil (2005)  
Professora Horista I do Centro Universitário Senac , Brasil  
dani.delgadomoda@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Desde o estudo realizado há praticamente dez anos pela pesquisadora Dra. Maria Gabriela Marinho, muitas transformações ocorreram, especialmente no cenário nacional, que repercutiram de modo significativo em relação à quantidade e à formatação de cursos ofertados na área de Moda no Brasil (para efeitos desta pesquisa, área é entendida como campo do saber). Desta forma, se faz necessária uma retomada da análise feita pela pesquisadora.

Para tanto, este artigo aborda sobre o aumento do número das instituições de ensino superior que mantém a oferta do curso de Moda e, sobretudo, diz respeito aos cursos superiores de tecnologia, cujo crescente número de reconhecimentos junto ao Ministério da Educação (MEC) demonstra uma transformação no perfil dos cursos oferecidos até início dos anos 2000.

Este trabalho traz informações que nos revelam parte do panorama da educação de Moda no Brasil atualmente. Assim a escolha da análise a partir dos dados apresentados pelo Ministério da Educação (até o mês de setembro de 2010), se deve ao fato de que este se constitui no órgão oficial, responsável pela autorização e reconhecimento dos cursos no Brasil e que, através do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), mantém estudos e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro, incluindo as Instituições de Ensino Superior ou IES, mesmo apresentando divergências nas informações em termos de datas, das características de alguns cursos ou até mesmo dados incompletos sobre as Instituições e/ou cursos apresentados.

Podemos citar como exemplo, os dados da Universidade Paulista – Unip (SP), cujo curso inicial é o de Bacharelado em Moda e, posteriormente há oferta somente do Tecnológico, sem que haja qualquer menção ao fato do curso ter fechado; ou ainda da Faculdade Paulista de Artes - FPA (SP), antiga Faculdade Marcelo Tupinambá, que dá origem ao curso de Moda como uma habilitação do curso de

Educação Artística, daí seu reconhecimento enquanto Licenciatura e, posteriormente, se transforma em Graduação também como Bacharelado em Moda, nos idos dos anos 80. As disparidades são encontradas até mesmo com relação à data do primeiro curso superior em Moda, da Faculdade Santa Marcelina – FASM (SP), cujo reconhecimento e início do curso são de 1974 nos registros do MEC, divergindo de dados apontados por Marinho (2002, p.13), como será abordado posteriormente.

A Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit) também mantém em seu site alguns dados sobre cursos, porém desatualizados em relação ao número total de Universidades que mantém os cursos de Moda, perfazendo um total de 92 instituições catalogadas (ABIT SOBRE EDUCAÇÃO SUPERIOR, consulta *online*. Acesso em: 05 Set. 2010). Portanto, apesar dos dados em atualização do MEC, não há outro modo de pesquisa que envolva as informações sobre todos os cursos no Brasil, a não ser que esta seja realizada *in loco*, tendo como base a documentação de cada Instituição de Ensino Superior (IES) e o real funcionamento e condições destes, mas que para efeitos desta pesquisa, não se faz necessário tal aprofundamento.

A amostragem pesquisada dos cursos superiores, seja Bacharelado, Licenciatura, Tecnológico ou Seqüencial, se apresenta em diversas modalidades da área de Moda propriamente, além de Calçado, Vestuário e Têxtil, uma vez que o ensino de Moda no Brasil têm em comum em sua grade curricular uma abordagem mais atrelada ao vestuário e à tecnologia têxtil.

E dentro deste universo os números apresentados pelo MEC são grandiosos: ao todo 204 cursos reconhecidos e/ou autorizados em 145 Instituições de Ensino Superior no Brasil, destes 173 apresentam a palavra Moda em sua nomenclatura, 11 cursos são ligados especificamente à área têxtil, 2 de calçados, mais 15 cursos de produção de vestuário e 3 de Estilismo (REGISTROS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Consulta *online*. Acesso em: 25 Set. 2010). Ao todo são

101 Tecnológicos, 81 Bacharelados, 2 Licenciaturas, 6 Seqüenciais de Formação Específica e 3 Seqüenciais de Complementação de Estudos. Outros 11 não apresentam o nível de graduação, ou seja, não há o preenchimento da lacuna denominada grau no banco de dados do Ministério da Educação.

Somente no estado de São Paulo são 50 reconhecimentos e/ou autorizações em 41 Instituições, representando cerca de 24,5% do país. Destes, 27 reconhecimentos somente na cidade de São Paulo, segundo o MEC, em 19 IES, levando-se em consideração que a Faculdade de Tecnologia Carlos Drummond de Andrade e Faculdade de Tecnologia João XXIII são apresentadas como Instituições de Ensino distintas, apesar de pertencerem ao mesmo grupo e de haver a oferta somente do curso na primeira delas, de acordo informações prestadas por funcionários das referidas instituições.

Para esta pesquisa, num primeiro momento, é analisada a evolução do número de cursos no país, cuja menção não fica restrita apenas para aqueles que tenham a nomenclatura Moda ou ao Tecnológico, uma vez que a área passa a ser estudada a partir do viés têxtil. Com esta evolução quantitativa é possível perceber um aumento significativo da oferta de cursos Tecnológicos, assim faz-se necessário entender quais são as particularidades desta modalidade de curso, os motivos que levaram a tal aumento e, sobretudo, sua especial filiação à área de Moda. E por fim, traz uma abordagem quanto ao panorama da atualidade e levanta algumas questões sobre o futuro do ensino de Moda.

Portanto o presente artigo aponta possíveis percursos dos novos cursos, a partir da análise do perfil quantitativo sobre as graduação de Moda e áreas correlatas, como será abordado a seguir, com enfoque aos Tecnológicos que se tornaram bastante presentes na educação do setor.

## **2. FOMENTO DA GRADUAÇÃO EM MODA NO BRASIL**

Devido à Moda estar mais fortemente associada às questões relativas ao vestuário, seu estudo formal se torna abrangente em torno da produção do vestuário e, em parte, sobre a aparência e requer o entendimento de diversas áreas afins, dada sua complexidade. Deste modo, a maioria dos cursos superiores mantém em comum o ensino de metodologias para o desenvolvimento do vestuário, o estudo dos têxteis e a elaboração do design em sua grade curricular, podendo também abranger os processos produtivos e criativos, modelagem, gestão de negócios, marketing, além de outras referentes à cultura de Moda como História, Estética ou Comunicação.

Portanto se entendermos que faz parte do cerne dos estudos da Moda a relação que há com o conhecimento dos têxteis, podemos considerar as Engenharias Têxteis e Tecnologias Têxteis como parte do universo de cursos que são propostos ao setor, este entendido como o rol de empresas envolvidas diretamente à Moda (indústrias têxteis e de confecção), independente do campo da Ciência (Exatas ou Humanas). Assim, o início dos estudos do setor de Moda no Brasil data de 1966, segundo o MEC, com a autorização do curso de Engenharia com habilitação em Engenharia Têxtil da FEI, em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo.

Pensando sob prisma da Engenharia Têxtil, podemos dizer que a introdução da área de Moda no Brasil se dá menos pela questão de uma necessidade de aculturação em torno do tema, de procurar pesquisar e entender sobre questões ligadas à Moda ou de abordagens sobre a criatividade voltada para a relação estética/funcionalidade, como ocorre a partir dos anos 80, e mais por uma valorização tradicionalista bacharelesca que é a da área das engenharias, visando uma necessidade das indústrias têxteis. Porém, ainda segundo registros do MEC, até a criação do primeiro curso de Moda, não houve qualquer outra instituição que

apresentasse curso semelhante, apontando possivelmente para uma baixa demanda no setor durante aquele período.

Somente com abertura avassaladora do país rumo à globalização, que acarreta no fechamento de diversas empresas, sobretudo do setor têxtil e de confecção na era Collor, que esse panorama da educação se transforma. Durante tal período, alguns cursos de Moda surgem e parte deles tomam corpo, tendo como base modelos já preestabelecidos em outros países e, em partes, adaptados à realidade nacional (MARINHO, 2002). Tendo em vista um meio para sair da crise, conseguir manter certo patamar junto a um mercado global, o setor é obrigado a se reestruturar e se profissionalizar, gerando uma demanda inexistente até então, por profissionais formados em Moda e também em áreas correlatas.

Antes mesmo da crise – segundo dados do reconhecimento do MEC, no ano de 1974 – já surge o primeiro curso da área de Moda da Faculdade Santa Marcelina, que é datado como tendo iniciado suas atividades a partir de 1987 por Maria Gabriela S.M.C. Marinho (ano este que coincide com o início do primeiro curso de Tecnologia Têxtil da FATEC de Americana – SP), apontando para uma necessidade de entendimento e estudo da área que já era significativa no país, no início dos anos 90, ainda segundo Marinho, surgem os cursos da então Faculdade Anhembi Morumbi e Universidade Paulista, cujo curso de Bacharelado em Moda atualmente está em fase de desativação, tanto que já não consta na relação de cursos do MEC, este sendo substituído pelo curso de Tecnologia em Design de Moda (Ibidem, p.13).

Por decidir pela restrição do universo da pesquisa, sobretudo, aos três cursos iniciais de Moda em São Paulo, a pesquisadora supracitada não faz menção ao primeiro curso de Licenciatura em Moda (que atualmente consta nos dados do MEC como Licenciatura em Design de Moda), criado em 1982 e reconhecimento obtido em 1993, na antiga Faculdade Marcelo Tupinambá, atual Faculdade Paulista de Artes, que inicialmente se constitui em uma habilitação de Educação Artística, transformado

em Licenciatura em Design de Moda, e que ainda hoje possibilitaria ao aluno o exercício da docência para o ensino fundamental e médio e/ou técnico, se fosse oferecido em seu rol de cursos.

Com os dados apontados é possível perceber a importância do estado de São Paulo para o fomento inicial dos cursos superiores da área, tanto é que somente após o início de seis cursos (entre Moda e Têxtil)<sup>i</sup> que finalmente, a partir de 1992, começam a surgir outros fora do estado e da região Sudeste, sendo um de Engenharia Têxtil na Universidade Estadual de Maringá (PR) e o primeiro Tecnológico em Moda e Design de Moda na Universidade de Caxias do Sul (RS), ambos na Região Sul (REGISTROS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Consulta *online*. Acesso em: 25 Set. 2010).

Outras regiões do país também passam a oferecer cursos na área, cabe salientar que é possível que alguns deles possam ter surgido com outras nomenclaturas ou até mesmo graus diferenciados, porém os dados apontados são os mantidos pelo MEC, para efeitos de ilustração, são colocados a seguir apenas a primeira IES de cada região da federação (exceto regiões Sudeste e Sul, uma vez que estas já foram abordadas anteriormente), como segue: 1994 na Universidade Federal do Ceará, o curso de Bacharelado em Design de Moda – Região Nordeste; 1996 na Universidade Federal de Goiás, também Bacharelado em Design de Moda – Região Centro-Oeste; 2006 no Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas, o curso Seqüencial de Formação Específica em Gestão em Moda – Região Norte (Ibidem). Outros cursos foram surgindo, em sua maioria direcionando a estrutura curricular e os laboratórios, com base em cursos já existentes e posteriormente segundo a regulação do MEC, muitas vezes com enfoque dado a atuação do profissional de estilo e com prevalência dos estudos sobre a moda jovem feminina em suas grades.



Vale mencionar um exemplo da visão estilística na formação dos profissionais e, por conseguinte, disseminação de valores: a predominância do feminino na moda, que, por determinantes históricos, influenciou currículos e docentes a estruturarem seus programas numa preconceituosa estética feminina que privilegia uma minoria e marginaliza a maioria do biotipo da população brasileira, assim como o sexo masculino e todas as faixas etárias que não façam parte da juventude. (PIRES, 2007, p. 11)

Aos poucos os cursos vão se formatando e se adequando à realidade do mercado brasileiro. Conseqüentemente o perfil do alunado começa a se modificar, mesclando uma maioria de jovens recém formados no ensino médio com pessoas que já atuam no mercado, mas que precisam de algum tipo de formação ou que buscam nova carreira, com ênfase à quantidade de público feminino.

Assim esses jovens, os profissionais, a demanda do mercado, a veiculação da mídia, tanto dos eventos de repercussão nacional e quanto dos recém formados em Moda, começam a impulsionar o crescimento da procura pelos cursos da área.

Esse contexto culmina com o aumento e a expansão, em território nacional, dos cursos de Moda, com ênfase aos cursos Tecnológicos, de carga horária menor, já que 77,32% de tais cursos mantêm carga abaixo de 2400 horas, enquanto o Bacharelado possui apenas 32,91% destes, muitas vezes associados, por boa parte dos discentes, a um curso mais prático, desta forma, mais próximo à realidade do mercado de trabalho.

Tal modalidade de curso mantém um perfil discente parecido com o de Bacharelado, pelo menos na cidade de São Paulo. Assim difere-se de cursos Tecnológicos de outras áreas que não tenham ligação com Moda, cujo perfil do aluno é, em sua maioria, de pessoas mais velhas que buscam um curso mais rápido para se qualificar e conseguir melhorias dentro de sua carreira.

Atualmente os Tecnológicos tem sido a principal proposta de formatação dos cursos de graduação em Moda e áreas correlatas, suas origens dizem respeito à

necessidade de profissionalização dos trabalhadores de maneira mais imediata e que culmina no perfil dos cursos ofertados até então.

### **3. A ASCENSÃO DOS CURSOS TECNOLÓGICOS PARA ÁREA DE MODA**

No decorrer dos anos 2000 é possível verificar uma crescente na oferta de cursos Tecnológicos, considerados pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96) graduações profissionalizantes, sobretudo a partir de 2003, cuja quantidade de reconhecimentos supera em até 250% a solicitação de Bacharelado na área de Moda, a partir de então, segundo os dados apresentados pelo MEC (REGISTROS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Consulta *online*. Acesso em: 25 Set. 2010). A principal característica dos Tecnológicos, ainda segundo o Ministério da Educação e Cultura, é a recolocação rápida de profissionais no mercado de trabalho, suprimindo uma carência detectada nos mais variados setores, muitas vezes equiparando esses cursos profissionalizantes aos técnicos (REGISTROS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Consulta *online*. Acesso em: 25 Set. 2010).

Mediante tal denominação, há pouca diferenciação significativa entre cursos técnicos (ensino médio) e tecnológicos (graduação), a não ser pelo nível de instrução, ambos possuindo associação direta ao chamado “setor produtivo”, ou seja, criação, desenvolvimento de processos e produtos, cabendo a tais cursos garantir a “competência profissional”, segundo a LDB 9394/96 e CNE/CP 29/2002 (BRASIL. Lei no. 9394. Consulta *online*. Acesso em: 10 Set. 2010).

Cursos técnicos são programas de nível médio com o propósito de capacitar o aluno proporcionando conhecimentos teóricos e práticos nas diversas atividades do setor produtivo, e os cursos tecnológicos classificam-se como de nível superior. (TÉCNICOS E TECNOLÓGICOS – MEC, consulta *online*. Acesso em: 06 set. 2010).

No Brasil a oferta de cursos profissionalizantes data do início do século XIX com as Casas de Educandos e Artífices, estas transformadas ao longo dos anos, chegando aos dias de hoje como os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (GOMES, 2010, p.19). Ainda no século XIX há criação dos Liceus de Artes e Ofícios em diversas cidades que contribuíram também para formação profissional. Na década de 40 do século XX, Senai e Senac começam a ofertar cursos profissionalizantes, com aumento da demanda a partir do final dos anos 60, pois há a instalação diversas indústrias no Brasil, exigindo especialização maior da mão de obra que fosse mais “tecnicista”. Em São Paulo, o governador Roberto Costa de Abreu Sodré também cria o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula e Souza (CEET), sob decreto-lei de 1969, que visava o ensino profissionalizante de nível médio e graduação. Somente a partir de 1972 que surge a Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec), tendo como referência o modo de ensinar tecnologia advinda dos EUA e Europa na época (Ibidem, P.27).

Assim é possível perceber que a questão do ensino para a profissionalização se constitui como parte importante da educação no Brasil, fazendo com que diversas leis fossem formuladas, mostrando uma preocupação em formar profissionais. A lei 5540/68, por exemplo, dispõe sobre os cursos profissionais que podem ser considerados de graduação, mas não atribui o termo tecnológico, como segue:

Art. 23. Os cursos profissionais poderão, segundo a área abrangida, apresentar modalidades diferentes quanto ao número e à duração, a fim de corresponder às condições do mercado de trabalho.

§ 1º Serão organizados cursos profissionais de curta duração, destinados a proporcionar habilitações intermediárias de grau superior.

§ 2º Os estatutos e regimentos disciplinarão o aproveitamento dos estudos dos ciclos básicos e profissionais, inclusive os de curta duração, entre si e em outros cursos. (Lei no. 5540/68, consulta *online*).

Já a lei 6545/78 transforma as Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de educação Tecnológica, autarquias de regime especial que precisaria dispor em sua carteira de cursos o ensino superior e de pós-graduação. Em 1994, a lei 8948 institui o Sistema Nacional de Educação Tecnológica, cujo objetivo era de integração dos cursos de tecnologia com o setor produtivo e a sociedade, de acordo com determinações do Ministério da Educação.

A LDB 9394/96 cita também os cursos profissionalizantes, nível graduação, mas somente no texto do decreto 2208/97 que há menção quanto à titulação incluída no diploma do egresso e que é diferenciada dos demais cursos de Educação Superior.

Na própria LDB 9394/96 os cursos Tecnológicos são desconsiderados como graduações “tradicionais” e fazem parte do Capítulo III – Educação Profissional, dissociado do Capítulo IV – Da Educação Superior (Lei no.9394/96, consulta *online*). Sendo assim, esses cursos possuem diretrizes particulares e, durante muitos anos, devido a uma série de interpretações e fatores condicionantes das leis, os egressos não poderiam dar continuidade aos estudos, no nível de pós-graduação, fazendo com que houvesse menor procura pelos Tecnológicos, sobretudo quando o objetivo principal do formando era possuir um curso superior e não necessariamente uma qualificação profissional.

Somente com a Resolução CNE/CS 436/2001, CNE/CP 3/2002 e CNE/CP 29/2002 há a normativa sobre os cursos Tecnológicos, equiparando-os aos de graduação no que tange à continuidade dos estudos, fazendo com que seu egresso possa cursar pós-graduação (*lato sensu e/ou stricto sensu*) a partir de então (CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA, consulta *online*).

A partir deste momento é que podemos notar uma mudança significativa em relação ao início de novos cursos das Instituições de Ensino Superior de todo o

território brasileiro, com uma crescente em relação aos Tecnológicos que até então representava a minoria dentre os cursos, como podemos notar no gráfico a seguir.

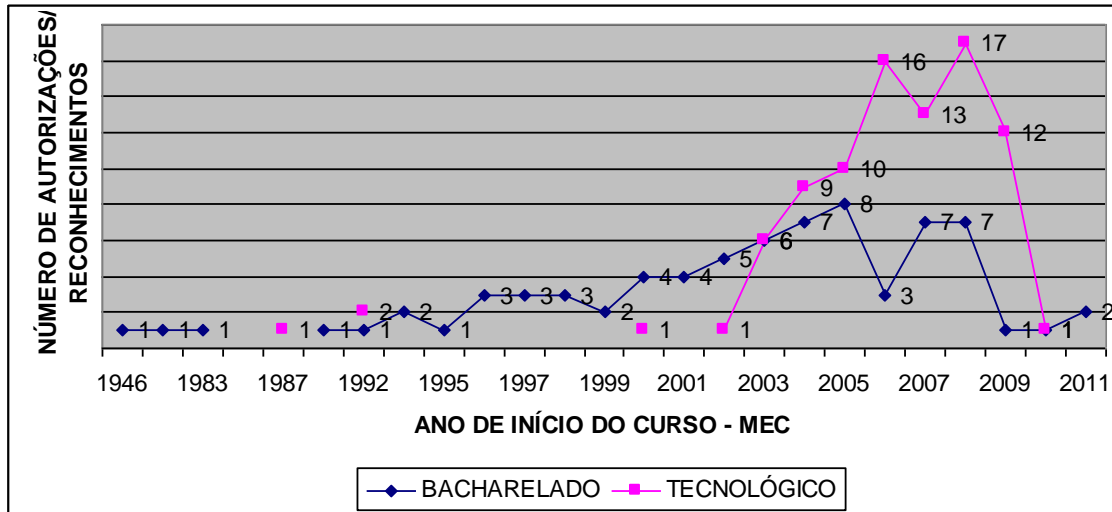


Tabela: Número de Autorizações/Reconhecimentos  
 Fonte: Ministério da Educação

Em tal estudo não foram contabilizados 11 cursos que possuem Moda em sua nomenclatura ou que não tem nome especificado, por não apresentarem em seus dados o tipo de graduação junto ao MEC, além de 2 de Licenciatura (reconhecidos nos anos de 1982 e 2003), 6 Seqüenciais de Formação Específica (anos de 1998, 2001, 2003, dois em 2006 e 2008) e outros 3 Seqüenciais de Complementação de Estudos (nos anos de 2004 e dois em 2009) (REGISTROS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Consulta *online*. Acesso em: 25 Set. 2010).

Apesar da importante alteração em 2002 com relação à possibilidade de continuidade dos estudos para os egressos denominados tecnólogos, 3 cursos correlatos à área de Moda surgem anterior a tal ano: em 1987 de Tecnologia Têxtil em Americana (pólo produtor de têxteis); 1992 de Tecnologia em Design de Moda no Rio Grande do Sul; 2000 de Tecnologia em Design de Moda em Santa Catarina

(REGISTROS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, consulta *online*), talvez motivados por uma crescente demanda do mercado local.

Em 2006 há outra mudança com relação ao Tecnológico, é lançado o Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia que traz diretrizes sobre os cursos com afiliação por eixos temáticos. Como no entendimento do Ministério da Educação Moda não se constitui como um eixo temático, apesar da complexidade de sua cadeia têxtil, seus cursos correlatos foram subdivididos em dois eixos: 1. Produção Cultural e Design e 2. Produção Industrial. Sendo o primeiro eixo abrangendo mais a parte de criação e produção de bens culturais e o segundo com forte ligação aos processos produtivos.

Alguns cursos que foram considerados como parte da área de Moda neste artigo não constam no referido Catálogo como os de Tecnologia Têxtil, Design de Calçados, Gestão da Produção de Calçados, Moda e Estilismo, sendo todos estes de grau Tecnológico e reconhecidos pelo Ministério da Educação (REGISTROS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Consulta *online*. Acesso em: 25 Set. 2010). Podemos notar a relação de alguns deles com áreas afins, mas especificamente para os de calçados algumas perguntas se fazem pertinentes: esses cursos deverão ter suas nomenclaturas alteradas para se enquadrar no Catálogo ou seria mais coerente pleitear nova denominação?

As informações do Catálogo dizem respeito ao possível perfil do curso e do egresso e número de carga horária mínima para a realização de cada curso. Assim para os Tecnológicos, cuja nomenclatura está relacionada à Moda, de eixo temático Produção Cultural e Design, o Catálogo dispõe que deve possuir carga mínima de 1600 horas e seu egresso deve elaborar protótipos e gerenciar projetos de acordo com fatores históricos, sociológicos, simbólicos, estéticos, produtivos. Enquanto os cursos de Produção de Vestuário e Produção Têxtil devem otimizar os recursos

existentes para o planejamento, produção e melhorias do processo, com carga mínima de 2400 horas.

Tendo como enfoque as cargas horárias, nota-se que ainda há uma tendência em torno do curso Tecnológico que deve ser voltado para as questões mais ligadas à produção. Pois mesmo com a abrangência determinada pelo Catálogo nos cursos de Design de Moda, que são bem maiores no que se refere ao gerenciamento das operações, da criação e, principalmente, do estudo e percepção da cultura, áreas complexas e que demandam certa percepção crítico-analítica, ainda sua carga horária é reduzida, se comparada com as correlatas.

Apesar dessas configurações dos cursos superiores de tecnologia focadas no mercado profissional e da carga horária reduzida, formando mais rapidamente o egresso, ao longo dos anos há uma constante nas quantidades de autorizações/reconhecimentos para a graduação Bacharelado, com algumas oscilações, acompanhando um mercado em crescimento gradativo ao longo dos anos.

#### 4. PANORAMA ATUAL DA MODA E DE SUA EDUCAÇÃO

O panorama do país e do mundo teve diversas modificações ao longo de 20 anos, com o amadurecimento do processo de globalização, o mercado mundial se reconfigurou em uma concorrência generalizada, alguns países ao poucos perderam sua hegemonia e outros ascenderam, ganhando principalmente aquele que conseguiu inserir produtos com maior valor agregado.

No Brasil dos anos 90, época da crise acirrada do setor, o número de empresas era de aproximadamente 14.362, incluindo têxteis e confecções. Aos poucos há seu crescimento, e em 2007 este número passa para 21.113, hoje são em torno de 30 mil, segundo órgãos como Abit e Abravest. Assim o número de empresas e, conseqüentemente, de empregados (em torno de 1,65 milhão de empregados

formais), tem crescido, apesar de constantes ameaças de países estrangeiros, de acordo com a Abit.

Para se manter atuante, o setor entende que é preciso investimento em tecnologia e qualificação e hoje é possível perceber que está mais profissionalizado do que no final do século passado, aos poucos o mercado de trabalho se segmenta, originando novas profissões, mas ainda há o que expandir e investir em educação.

Todas as mudanças globais acabam afetando diversos setores, tendo a educação brasileira de se adequar à nova realidade e formar profissionais para competir no mercado, assim cursos nas mais variadas áreas surgem e a configuração destes se altera, conforme as necessidades e/ou legislações vigentes. Tendo em vista os dados apontados, é possível perceber que em Moda houve um crescimento grande dos cursos Tecnológicos a partir de 2003 quando entra em vigor a lei que autoriza os egressos a continuarem seus estudos nas pós-graduações. Até 2008 há uma crescente nas solicitações de autorização para novos cursos, porém em 2010 há redução significativa dos números (REGISTROS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Consulta *online*. Acesso em: 25 Set. 2010).

De acordo com os dados do MEC é possível perceber que 2008 se constitui no ano com o maior número de autorizações, sobretudo no que diz respeito aos Tecnológicos, e até Setembro de 2010 foram somente duas autorizações, um Bacharelado e um Tecnológico e para 2011 já há autorização do MEC para dois cursos de Bacharelado no estado do Rio de Janeiro, indicando uma possível mudança no perfil dos cursos de Moda, novamente.

Os cursos Tecnológicos têm seus méritos ao inserirem mais rapidamente profissionais com formação superior para o setor, porém o grande questionamento é se, devido à formatação voltada para o mercado de trabalho, o curso superior de tecnologia forma profissionais menos críticos do que os provenientes do Bacharelado, uma vez que as disciplinas consideradas teóricas são menos contempladas, portanto



não há uma formação específica para a pesquisa acadêmica, apesar de a legislação estabelecer que o curso deve formar também professores? A resposta a esta pergunta se dará ao longo dos anos com a incorporação destes profissionais no mercado de trabalho e trabalhos de pesquisa a serem publicados.

De qualquer forma, ao que parece, talvez assistiremos em breve a uma reversão na formatação dos cursos de Moda, com ênfase ao Bacharelado, indiciando a importância de formação também para área de pesquisa enquanto meio para entendimento e crítica do setor, proposta para novas tecnologias e reconhecimento da excelência do produto enquanto sua função e estética.

A relação entre função e estética é (ou deveria ser) o princípio fundamental dos cursos de Design de Moda que hoje se configuram como o maior número dentre todas as nomenclaturas apontadas pelo MEC para Moda e áreas correlatas. Outras nomenclaturas surgiram tendo em vista alguns diferenciais, algumas mostrando configurações particulares dos cursos como o de Bacharelado em Design de Moda com habilitação em Modelagem do Centro Universitário Senac, mas as universidades, com bases na demanda do mercado, poderiam oferecer cursos ainda mais específicos para a área como de Engenharia de Produção voltada para confecção e/ou têxtil; cursos superiores voltados para acessórios e o setor coureiro; expansão dos cursos de Produção e/ou Design de Calçados, pois são poucas ofertas atualmente; aumento da quantidade de cursos voltados para modelagem; cursos superiores voltados para a complexa Produção de Jeans, com disciplinas específicas para o beneficiamento de peças confeccionadas, todas são sugestões de abrangência ainda maior para atender ao setor.

Parcerias com indústrias e associações também se tornam fundamentais para compreensão, pesquisa e desenvolvimento de Moda. A Abravest anuncia neste ano a criação da Universidade Virtual do Vestuário – Univestuário em parceria com a Florida Christian University, porém até a finalização deste artigo não consta sua

aprovação nos órgãos competentes, mas mostra a iniciativa de parceiros fortemente ligados ao setor, podendo originar outras configurações para os cursos.

Outro fator que dá indícios de que a Moda tem sido “levada a sério”, graças ao seu estudo, é sobre seu reconhecimento enquanto parte da cultura brasileira pelo Ministério da Cultura (MinC). O Catálogo Nacional dos Cursos Superiores de Tecnologia já reconhece a Moda como parte da Produção Cultural e do Design, dando margem para que, em março deste ano, o MinC fizesse seu reconhecimento e, desta forma, passasse a inserir a Moda em políticas culturais nacionais, a serem amplamente debatidas, com representantes no Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC).

Assim é possível perceber que a Moda tem ganhado espaço tanto na Educação quanto na Cultura do país, mas ainda há algumas discussões acerca da qualidade dos produtos e dos profissionais formados, uma vez que parte de seu mercado ainda diz respeito a modelos e tendências copiados de fora, cujos profissionais se sujeitam a fazê-lo como se fosse a única alternativa possível de fazer Moda, sem que haja identidade brasileira.

#### 4. PONDERAÇÕES FINAIS

O trabalho se torna significativo para o entendimento de que, graças às alterações das políticas públicas, do amadurecimento do sistema de ensino e da profissionalização do setor, a Moda passa a ser vista como parte integrante da cultura do país, diferentemente de anos atrás cujo setor tinha como objetivo somente a reprodução de modelos oriundos das chamadas capitais da Moda. Portanto neste momento torna-se necessária uma avaliação sobre a real necessidade da oferta dos cursos Tecnológicos para a área.

Não há problema em ter uma boa quantidade de graduação tecnológica para melhoria da qualidade de mão de obra, porém a troca do Bacharelado por tais cursos

é que pode preocupar, uma vez que graças ao primeiro é que temos a possibilidade de investimento em pesquisa e na formação de professores que não sejam só tecnicistas, mas que promovam a discussão e o posicionamento crítico sobre o setor.

Também não podemos negar que há uma vantagem em cursar o Tecnológico, tanto para profissionais que já atuam no mercado e queiram um “diploma”, quanto para gerações mais jovens que sejam ligadas ao imediatismo e que não desejem ficar por anos em um curso superior. Porém se hoje o processo de globalização, sobretudo da economia e da comunicação, está bastante amadurecido, os mercados são disputados com regras parecidas, é sinal de que o mundo é o concorrente e não mais somente empresas locais. Desta forma, o Brasil precisa se colocar como um gerador de Moda, agregar valor ao seu produto e não como um grande parque fabril que confecciona design vindo de outros países. O país precisa de profissionais que ampliem as possibilidades de criação de novas diretrizes para a Moda, precisam agregar valor aos seus produtos e melhorar a imagem da Moda-Brasil. Somente com estudo e mudança cultural isso será possível.

Ao longo dos anos é perceptível a mudança na formatação dos cursos de Moda, especialmente a partir da instituição da lei de 2002 que equipara o Tecnológico com o Bacharelado em termos da continuidade dos estudos, desta forma, boa parte dos cursos assume um formato mais dinâmico, muitas vezes bastante superficial e em IES que não possuem outros cursos relacionados ao Design, Artes ou Comunicação – áreas próximas da Moda –, com poucos docentes da área, sequer iniciam suas atividades com infraestrutura mínima, já que o curso exige alguns laboratórios específicos.

Aulas práticas realizadas em laboratórios deveriam ser obrigatórias aos cursos com perfil profissionalizante, o que não acontece em alguns deles visitados em São Paulo, cuja infraestrutura, por vezes, deixa a desejar tanto nos maquinários, quanto atualização de softwares, bibliotecas (livros e, principalmente periódicos

atualizados). Ainda tendo como base a cidade de São Paulo, segundo a análise curricular de alguns de seus cursos, é possível questionar acerca da qualidade da formação discente dos cursos Tecnológicos, pois parte deles não oferece vivência ao aluno, tampouco melhoria significativa na cultura de Moda de seus egressos.

Outra questão que se faz pertinente é se o curso Tecnológico é reconhecido pelo Ministério da Educação como um curso voltado para a produção:

Os graduados nos Cursos Superiores de Tecnologia denominam-se tecnólogos e são profissionais de nível superior com formação para a produção e a inovação científico-tecnológica e para a gestão de processos de produção de bens e serviços. (CATÁLOGO NACIONAL DOS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA. Consulta *online*. Acesso em 15 Dez. 2010).

Não seria razoável o acesso dos egressos somente ao Mestrado Profissional, uma vez que este, segundo a Capes, visa a atuação em setores chamados não acadêmicos?

O Mestrado Profissional visa a formação pós-graduada *stricto sensu* de recursos humanos para atuar nos setores não acadêmicos, fazendo assim que estes profissionais qualificados tenham o exercício da prática profissional avançada e transformadora de procedimentos para atender demandas sociais, organizacionais e do mercado de trabalho, bem como possam transferir conhecimento para a sociedade, atendendo demandas específicas e de arranjos produtivos com vistas ao desenvolvimento nacional, regional ou local. (ASSESSORIA DE IMPRENSA DA CAPES, consulta *online*).

Por fim, os dados apontados no Ministério da Educação dão apenas um panorama geral sobre a educação no setor de Moda, apesar de não mostrar informações precisas sobre cada IES, evidenciando que a partir dos anos 90 há o início de diversos cursos especificamente de Moda, aumentando a partir de 2000, e que assume uma configuração diferenciada em 2003, com a expansão dos cursos Tecnológicos, e que a partir de 2010 verifica-se a redução das solicitações de abertura de novos cursos, principalmente dos Tecnológicos. Talvez seja o momento

da Educação e da Cultura se reinventar e se reestruturar para formar um país que faça não somente tecidos, calçados, acessórios e roupas, mas sobretudo que agregue valor e desenvolva Moda.

## REFERÊNCIAS

CANO, Wilson. *Reflexões Sobre o Brasil e a Nova (Des)Ordem Internacional*. 1ª. Edição. Campinas: UNICAMP, 1994.

GOMES, S.R.F. *O professor da educação profissional: formação e prática pedagógica*. 2010. 204f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. Moda: condicionantes de sua institucionalização acadêmica em São Paulo. In: WAJNMAN, Solange; ALMEIDA, Adilson José de (orgs.). *Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico*. 1ª. Edição. São Paulo: Arte & Ciência, 2002. p. 13-26.

PIRES, Dorotéia Baduy. Design de Moda: uma nova cultura. *Dobras Revista*. Barueri: Estação das Letras, v.1, n.1, p. 66-73, 2007.

ABIT. Disponível em: <<http://www.abit.org.br>>. Acesso em: 27 Ago. 2010.

ABIT SOBRE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Disponível em: <[http://www.abit.org.br/cursos\\_moda.xls?id\\_menu=11id\\_sub=83&idioma=PT](http://www.abit.org.br/cursos_moda.xls?id_menu=11id_sub=83&idioma=PT)>. Acesso em: 05 Set. 2010.

ABRAVEST. Disponível em: <<http://www.abravest.org.br>>. Acesso em: 27 Ago. 2010.

ASSESSORIA DE IMPRENSA DA CAPES. Capes lança edital para novos cursos de Mestrado Profissional. Sala de Imprensa. Brasília, 15 Jan. 2010. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/sala-de-imprensa/36-noticias/3514-capes-lanca-edital-para-novos-cursos-de-mestrado-profissional>>. Acesso em: 30 Ago. 2010.

BRASIL. Lei no. 5540, de 28 de Novembro de 1968. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/109783/lei-5540-68>. Acesso em: 06 set. 2010.

BRASIL. Lei no. 9394, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 10 Set. 2010.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (3). Resolução CNE/CP 3, de 18 de Dezembro de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP032002.pdf>. Acesso em: 13 Ago. 2010.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (29). Resolução CNE/CP 29, de 03 de Dezembro de 2002. Disponível em: <[http://www.semesp.org.br/cp29\\_2002.php](http://www.semesp.org.br/cp29_2002.php)>. Acesso em: 13 Ago. 2010.

CATÁLOGO NACIONAL DOS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/catalogo\\_completo.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/catalogo_completo.pdf)>. Acesso em 15 Dez. 2010.

CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA. Resolução CNE/CP3, de 18 de Dezembro de 2002. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf\\_legislacao/rede/legisla\\_rede\\_resol03.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/rede/legisla_rede_resol03.pdf)>. Acesso em: 06 Set. 2010.

MACROECONOMIA. Disponível em:  
<<http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?415010703>>. Acesso em: 10 Ago. 2010.

REGISTROS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 Set. 2010.

TÉCNICOS E TECNOLÓGICOS – MEC. Disponível em:  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13063:qual-a-diferenca-entre-curso-tecnico-e-curso-tecnologico&catid=127:educacao-superior](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13063:qual-a-diferenca-entre-curso-tecnico-e-curso-tecnologico&catid=127:educacao-superior)>. Acesso em: 06 set. 2010.

---

<sup>i</sup> Segundo o MEC, os primeiros cursos da área do estado de São Paulo foram: Engenharia com Habilitação em Eng. Têxtil do Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana Pe Sabóia De Medeiros - FEI (1946); Design de Moda da Faculdade Santa Marcelina - FASM (1974); Licenciatura e Bacharelado em Design de Moda da Faculdade Paulista de Artes - FPA (1982); Tecnologia Têxtil da Faculdade de Tecnologia de Americana - FATEC (1987); Moda da Universidade Anhembi Morumbi - UAM (1990).

Data de Recebimento: 27/09/2010

Data de Aprovação: 20/12/2010